

# O relatório do BC aos nossos credores. (Com números desfavoráveis.)

O Banco Central divulgou ontem um relatório sobre o desempenho da economia no primeiro trimestre de 1986 com projeções para todo o ano, revelando números desfavoráveis no balanço de pagamentos, balança comercial, investimentos externos no País, reservas internacionais e crescimento da dívida externa. Na área interna, o documento aponta uma dívida líquida do setor público brasileiro de Cz\$ 1.488 trilhão (valor estimado), equivalente a 47,3% do PIB.

O relatório sob o título "Brasil Programa Econômico", nas versões em inglês e português, que é encaminhado ao comitê de assessoramento da Dívida Externa, em Nova York, relata que o saldo da dívida pública estadual e municipal, ao final do primeiro trimestre, atingiu Cz\$ 56,6 bilhões, com um acréscimo nominal de 69% em relação a dezembro passado. Noventa e um por cento desse montante estão concentrados em títulos de responsabilidade dos Estados e municípios de São Paulo (Cz\$ 22,2 bilhões), Minas (Cz\$ 10,5 bilhões), Rio de Janeiro (Cz\$ 9,5 bilhões) e Rio Grande do Sul (Cz\$ 9,3 bilhões).

Na frente externa, as informações do Banco Central traçam o seguinte quadro:

**Balanço de pagamentos** — No primeiro trimestre foi contabilizado um déficit de US\$ 500 milhões, enquanto no igual período de 1985 registrou-se um superávit de US\$ 86 milhões. A nova estimativa desta conta para 1986 indica um déficit de US\$ 500 milhões contra um superávit de US\$ 800 milhões previstos há seis meses, por causa do aumento da saída líquida de capitais.

**Trasações Correntes** — No primeiro se-

mestre de 1986, esta rubrica foi superavitária em US\$ 394 milhões, que se compara com o déficit de US\$ 718 milhões do igual período do ano anterior.

**Balança Comercial** — Apresentou um superávit de US\$ 8,2 bilhões, no primeiro semestre de 1986, superior a 11,8% ao ocorrido no igual período de 1985. O superávit que anteriormente era previsto em US\$ 12,8 bilhões para todo este ano foi reestimado para US\$ 12,5 bilhões, em parte por motivo do aumento das importações (máquinas, equipamentos, produtos alimentícios) e da queda da cotação de produtos primários no mercado internacional.

**Dívida Externa** — A dívida registrada de médio e longo prazo foi estimada em US\$ 97,9 bilhões. A dívida global foi reestimada de US\$ 105 bilhões para US\$ 107 bilhões, em virtude da desvalorização do dólar norte-americano em relação às moedas européias.

**Reservas Internacionais** — No conceito de fluxo de balanço de pagamentos, as reservas decresceram US\$ 351 milhões no primeiro trimestre do ano, contabilizados os ganhos decorrentes da valorização dos ativos em outras moedas frente ao dólar norte-americano (US\$ 160 milhões).

**Investimentos Externos** — Os investimentos líquidos registraram saída de US\$ 52 milhões no primeiro trimestre de 1986, comparados ao ingresso de US\$ 281 milhões no igual período de 85. A reversão do comportamento, segundo o Banco Central, deve-se à queda nas conversões de dívida em investimentos, aliada à diminuição dos investimentos estrangeiros e à elevação dos investimentos brasileiros no Exterior.

## Informática: mais críticas ao copyright.

O senador Enéas Farla (PMDB-PR) disse ontem que o sistema do direito autoral para a proteção do software é o mais danoso que se poderia escolher para esse fim, representando, de imediato, "um tremendo furor na reserva de mercado para as indústrias nacionais", e defendeu a criação imediata de legislação especial para a sua proteção.

O senador pelo PMDB teme que o copyright possa levá-las à total aniquilação, pela disparidade das forças em competição, praticamente liquidando com a criação de pro-

gramas de computador genuinamente nacionais: primeiro porque elementos com essa capacidade serão fatalmente atraídos para a órbita das multinacionais e, depois, se resistirem a tais chamamentos, a respectivos atrativos salariais, não terão melhores possibilidades no que restar da indústria nacional. Esta — na opinião do senador — será paulatinamente alijada dos grandes segmentos do mercado e, portanto, não terá como remunerar alguém com capacidade e em condições de vencer a concorrência das multinacionais.